

O pensamento educacional em termos de pandemia de Covid-19

Rodrigo Rosistolato 

Editor da Revista Contemporânea de Educação

A principal orientação das autoridades de saúde e de cientistas, no Brasil e no mundo, é para ficarmos em casa. O isolamento social apresenta-se como a forma mais eficaz de conter o avanço desordenado da doença Covid-19 e garantir o atendimento hospitalar para quem for infectado. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está seguindo à risca as recomendações daqueles que, de fato, detêm a expertise necessária para orientar a sociedade nesse momento em que quase todas as regularidades sociais foram abaladas. Felizmente, estamos na maior Universidade Federal do Brasil, onde atuam profissionais habilitados a orientar cada um de nossos passos nesse período de sobrevivência à pandemia. E eles não estão sozinhos, sua autoridade advém da inserção em comunidades científicas nacionais e internacionais, que têm construído consensos sobre as formas de cuidado e prevenção ideais para o Brasil e para o mundo.

Ficar em casa, no entanto, não é sinônimo de imobilidade de pensamento. Se há algo que a Covid-19 não é capaz de impedir é a reflexão acadêmica sobre quaisquer temas, dependam eles de abordagem mais empíricas ou teóricas. A Revista Contemporânea de Educação (RCE) não parou de funcionar, continua recebendo artigos, os avaliando, dialogando com os autores, os pareceristas e com o nosso corpo editorial. Todos os professores e os funcionários da revista estão em casa, de onde têm trabalhado sem cessar para manter o nosso fluxo de publicações em dia. Exatamente por isso podemos oferecer à sociedade nesse momento a primeira edição da RCE em 2020.

Os artigos estão dispostos em uma sequência que visa incentivar diálogos temáticos entre os autores e o público leitor. Há, nessa edição da RCE, um conjunto de investigações sobre temas clássicos da educação e também pesquisas com foco em discussões contemporâneas. Nossa revista tem recebido artigos que resultam de temáticas consolidadas no campo educacional, como: ensino de disciplinas escolares, formação de professores, avaliação de aprendizagens, gestão escolar, política educacional, diversidades educacionais, além de artigos teóricos e empíricos de áreas de fricção, como educação e saúde. Nossa linha editorial é parte dos nossos esforços para

a valorização do pensamento Sistemático e sistematizado sobre temas educacionais e está conectada com os debates contemporâneos sobre as humanidades e as ciências em geral. A educação é um campo amplo de pesquisas e caminha *pari passu* com o desenvolvimento científico em outras áreas e linhas investigativas.

Antes de passarmos à apresentação geral dos artigos que compõem essa edição, gostaríamos de demarcar nossa posição com relação aos saberes acadêmicos e científicos sobre a vida social. Toda forma de conhecimento é parcial e temporalmente orientada. Não há conhecimento imutável ou definitivo em nenhuma área da ciência. As explicações, interpretações e predições oferecidas pela ciência guardam limites por vezes teóricos, por vezes empíricos, que fazem com que os resultados de uma investigação sejam sempre o prenúncio de novas questões de pesquisa. Nossos saberes são contextuais. A ciência é uma aventura permanente em direção à ampliação do conhecimento. Por isso, partimos do que é conhecido para propor novas questões. Dessa forma, confiamos nos profissionais que oferecem argumentos científicos sobre a pandemia de corona vírus, assim como naqueles que tomam a educação como objeto e nos oferecem explicações e interpretações sobre os sistemas educacionais presentes no Brasil e no mundo.

Os três primeiros artigos realizam discussões relacionadas ao ensino, à aprendizagem e à avaliação com foco no ensino superior, dois deles, e na educação básica. Luiz Couceiro, no texto **“Etnografia hiper-realista: uma proposta para pesquisar processos de ensino e aprendizagem”**, apresenta um relato sobre uma experiência de ensino de antropologia associada à pesquisa em antropologia da educação. O autor caminha para a proposição de um conceito: “etnografia hiper-realista”, como modelo de ensino e proposta de desenvolvimento teórico. Toda a experiência foi realizada no município de Codó, no leste do estado do Maranhão. No mesmo bloco, Liane Broilo Bartelle, em **“Inteligência emocional nos educadores do ensino superior”**, localiza o debate sobre inteligência emocional e discute as conexões entre equilíbrio emocional e trabalho docente. Na sequência, Antônio Luis Julião apresenta um debate sobre a avaliação das aprendizagens em um artigo que apresenta já no título a questão que pretende desenvolver **“Avaliação das aprendizagens escolares: processo de reconstrução dos saberes ou acerto de contas?”**. A pesquisa foi realizada em um complexo escolar em Benguela-Angola e verificou a presença de uma tendência construtivista nas avaliações realizadas pelos professores.

“Sucesso” e “insucesso” escolar são temas permanentes no debate nacional e internacional sobre educação. O artigo de Mario Pereira Borba e Rogério Lopez Azi-

ze, **“Engajamentos, aprendizados, sistematizações: reflexões sobre um projeto de aceleração”**, coloca questões-chave para o entendimento dos processos escolares relacionados aos estudantes com múltiplas repetências no cenário brasileiro. Os autores relatam, em uma abordagem etnográfica, nuances das noções de atenção e engajamento presentes em um projeto de aceleração. Já Mário Basto, Teresa Abreu, Estelha Vilhena, Joaquim Gonçalves e Mariana Carvalho, em *“An exploratory PLS study of academic success/failure”*, identificam as causas associadas ao “insucesso” acadêmico em uma Escola Superior de Tecnologias e Engenharia, localizada em Portugal. Os autores identificam questões relacionadas aos estudantes, à própria instituição de ensino e às dinâmicas de estudo e descanso no período das avaliações.

A discussão sobre a formação de professores é salientada em três artigos nessa edição. No primeiro deles, **“Formação de professores e o Método Peripatético: diálogos entre Francisco Imbernón e Antonio Lancetti”**, Paula Hosana Silveira Biazus, Josete Bitencourt Cardoso e Vantoir Roberto Brancher realizam um estudo em que aproximam dois autores – um do campo da formação de professores e outro da clínica em saúde pública – por entenderem que ambos indicam lógicas mais holísticas e humanizadoras em ambos os cenários de formação. Já Tatiana Moraes Queiroz de Melo, Fernanda Bindaco da Silva Astori e Silvana Ventorim, no artigo **“Iniciação à docência em Educação Física: experiências formativas pelo Pibid”**, salientam as mediações desenvolvidas entre o coordenador, os supervisores e os bolsistas do Pibid na perspectiva desses agentes. Os autores argumentam que o Pibid proporciona a colaboração direta entre a universidade e a escola, o que reduz as distâncias entre esses dois espaços de formação. Em sequência, Marily da Silva Brito e Raphael Alves Feitosa, no artigo **“Formação de professores atuantes como educadores ambientais: reflexões frente a vertente crítica”**, trazem reflexões sobre a formação de educadores ambientais na perspectiva socioambiental. Os autores argumentam que a ação educativa-ambiental está relacionadas a mudanças em diversos aspectos da prática pedagógica, o que envolve ações individuais e coletivas.

As análises sobre a gestão escolar aparecem contempladas em três artigos. O primeiro, **“Aspectos pedagógicos presentes na atuação do secretário escolar”**, de Jorgete Dias dos Santos e Caroline Delfinos dos Santos, analisa as funções dos secretários escolares no decorrer dos processos pedagógicos. Entendendo-os como sujeitos desses processos, as autoras analisam as interações dos secretários com os outros sujeitos das dinâmicas escolares. Na sequência, Renata Cecilia Estormovski,

no artigo **“O processo de seleção de alternativas para a gestão escolar”**, analisa dois modelos de alternativas de gestão escolar. O modelo charter e o Inova BH. A autora busca, com base no materialismo histórico-dialético, o que ela classifica como conotações ideológicas de ambas as propostas e argumenta que elas se constituem em relação com o contexto neoliberal, trazendo implicações para a gestão democrática das escolas. O artigo **“O projeto político pedagógico nas instituições escolares”**, de Jéssica Luana Casagrande e Camila de Fátima Soares dos Santos, aparece nesse prefácio articulado aos debates sobre gestão escolar por entendermos que Projeto Político Pedagógico é um instrumento que envolve necessariamente elementos de gestão, além, é claro, de outras questões relacionadas ao espaço escolar.

As discussões sobre diversidade em educação estão contempladas em dois artigos nessa edição. Sirlene Vieira Souza e Márcia Lúcia Nogueira de Lima Barros, no texto **“Núcleo de pesquisas em educação e diversidade: educação especial em foco”**, trazem uma revisão sistemática da bibliografia produzida no âmbito do Núcleo de Pesquisas em Educação e Diversidade (Needi), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). As autoras realizam um recorte entre os anos de 2007 e 2018 e indicam as contribuições dessa produção para as reflexões sobre educação especial inclusiva. Em seguida, Francisca Helena Gonçalves Vetorazo e Helena Sampaio, no artigo **“Gênero e sexualidades no ensino médio: enfrentamentos e negociações”**, sinalizam o caráter normatizador das instituições escolares e também os seus limites com relação às questões de gênero e sexualidades. Elas apontam que, ao mesmo tempo em que há resistências escolares às questões de gênero e sexualidades, a escola também se estabelece como espaço de aprendizagem da igualdade de gênero e diversidade sexual, ambos defendidos como direitos sociais.

Na sequência, temos três artigos que discutem temas contemporâneos. O primeiro apresenta uma abordagem teórica. Com o título **“A tensão entre política e pedagogia em Hannah Arendt”**, Danilo Arnaldo Briskievicz analisa o que ele classifica como “crise da educação no mundo moderno no contexto da filosofia de Hannah Arendt”. Trata-se de um estudo que revela aspectos políticos e pedagógicos, presentes na arquitetura teórico-conceitual da filosofia da autora. Na sequência, Joyce Silva Soares de Lima, Agostinha Mafalda Barra de Oliveira e Juliana Carvalho de Sousa, no artigo **“Saúde psíquica e prevalência da síndrome de burnout em discentes”**, analisam a prevalência da síndrome de *burnout* em discentes de um curso superior de administração, em uma instituição localizada no nordeste brasileiro. As autoras

identificam 60,3% de *burnout* entre os estudantes de administração e realizam esforços interpretativos para compreender essa prevalência. A edição é concluída com o artigo de Taiane Lucas Pontel e Josimar de Aparecido Vieira, que tem por título “**A iniciação científica na Educação Básica sob a ótica docente**” e apresenta uma discussão sobre a iniciação científica no ensino médio integrado à educação profissional. O principal argumento dos autores é que o desenvolvimento da iniciação científica contribui diretamente para a institucionalidade do instituto federal analisado.

Ao final, expressamos nosso agradecimento a todos que contribuíram de suas casas com essa edição da RCE e deixamos um agradecimento ainda mais especial para todos os que estão nas ruas trabalhando no sistema público de saúde e em todas as outras funções que são essenciais para que a sociedade continue funcionando. Sem vocês não poderíamos ficar em casa. Cientes desse enorme privilégio, entendemos que a sociedade brasileira tem uma dívida incomensurável com cada um de vocês.

Fiquem em casa e tenham uma boa leitura!